

Aula de geografia
e algumas crônicas

Conselho Editorial:

José Helder Pinheiro Alves, da UFCG (Presidente);
Luiz Francisco Dias, da UFMG;
Evandro Silva Martins, da Universidade Federal de
Uberlândia - MG;
Manoel Fernandes de Sousa Neto, da UFC.

**Aula de geografia
e algumas crônicas**

Manoel Fernandes

Coleção Linguagem e Ensino

Bagagem
Campina Grande
2007

Editoração Eletrônica

Magno Nicolau

Capa

Ídéia

Revisão

Kleber J. C. dos Santos

ISBN 85-89254-07-2

Sousa Neto, Manoel Fernandes de.
Aula de geografia e algumas crônicas / Manoel Fernandes
de Sousa Neto. 2a edição. Campina Grande: Bagagem, 2007.
109p.

1. Educação - Geografia

CDU: 800.0 (00).0

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Bagagem Ltda.
Rua Lorrival Andrade, 309 - Bodocongó
Campina Grande - PB - Cep. 58109-160
Telefax: 0xx83 333-7284
editorabagagem@uol.com.br

Este livro é para
Ítalo, Felipe, Iago e Pedro.
Aline, Amanda, Arnália, Beatriz e Gabriele.
As palavras novas com que se escreve a história da
família.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
A AULA DE GEOGRAFIA	13
Bibliografia	33
CRÔNICAS PARA SALA DE AULA	35
Para caminhar pensando	37
Erótico mangue	40
Chico de Toinho de São José do Bendegó	43
Fui à bodega comprar farinha	46
Geo morfo logia	50
O mapa nosso de cada dia	54
Os solos são	59
Das coisas sem ser ventia uma delas é a geografia	63
Sentidos	67
Um intricado jogo de xadrez	70
Carta aos Neanderthais	75

Agá dois ó	80
Amnésia e Mnemosyne	84
Memórias de um geógrafo peralta	88
Para pensar um tema	95
Sobre coelhos e cartolas	99

APRESENTAÇÃO

A maior parte dos textos que compõem este pequeno livro já passaram por outras páginas, publicados em jornais, revistas da área de geografia ou impressos de maneira avulsa para serem utilizados em oficinas, cursos de curta duração ou palestras.

Poderia dizer, brincando, que são textos passageiros, viajantes, desses que já acompanharam a mim e a outros colegas de ofício a muitos lugares. E por isso não raro o professor se confundia com uma espécie de caixeiro a anunciar fórmulas, não necessariamente novas, de ensinar geografia.

A unidade dessas palavras transeuntes está em tratarem de temas e de estarem diretamente ligadas às atividades de sala de aula, ao ato de educar, ao ofício do ensino. Brincando uma vez mais, diria que as palavras buscavam já, assim como o rio busca o mar, o universo da escola, fosse ela feita de paredes ou não.

É possível que os vocábulos tanto tempo adormecidos dentro de mim tenham acordado com o convite feito em 1994 por uma colega minha de Departamento na UFPB, para escrever aquela crônica de aproximadamente uma lauda no *Jornal O Norte*, sobre a nossa disciplina acadêmica e que recebeu como título de batismo o *DAS COISAS SEM SERVENTIA UMA DELAS É A GEOGRAFIA*.

Houve, como não poderia deixar de ser, protestos no interior da corporação de Geógrafos. Mas o significativo é que os vocábulos escritos haviam demonstrado o quanto era bom e divertido compor aqueles textos curtos, e aí foi paixão à primeira escrita.

Por isso, como diria o *Leminsky*, comecei distraidamente a vencer o medo de escrever e vi nas crônicas uma forma de colocar de maneira lúdica para os meus alunos na Universidade e,

fundamentalmente, para professores do ensino fundamental e médio que trabalham com crianças e adolescentes, uma série de temáticas geográficas razoavelmente complexas.

Assim os textos foram surgindo ao sabor do tempo e a partir do trabalho com a formação de professores dentro e fora da Universidade. As crônicas foram utilizadas quando dos cursos de formação de professores no colégio estadual Sesqui centenário em João Pessoa, para docentes da rede municipal de Recife e de Fortaleza, nos encontros de estudantes e profissionais de Geografia em Teresina, Sobral, Crato, Mossoró, Rio de Janeiro, Belém, dentre outras paragens.

O fato é que as crônicas se tornaram parte do meu cotidiano como professor. E servem como uma espécie de registro de percurso, naquele sentido de estabelecer um roteiro dos temas que me dispus a tratar e dos lugares por onde passei e das pessoas que tive a felicidade de conhecer.

Foi como resultado dessa experiência que nas aulas de prática de ensino em Geografia, já como professor da UFC, lá pelos idos de 1999, resolvi escrever um ensaio sobre como eram as aulas para mim e para reafirmar por escrito a idéia de que não há fórmulas prontas para o teatro lúdico das operações docentes.

A alegria efetiva em publicar este pequeno livro se deve à esperança de que os professores possam brincar com ele em sala de aula e as crianças e adolescentes possam experimentar com prazer o aprendizado da geografia.

A AULA DE GEOGRAFIA*

Aula inaugural

(Mário Quintana)

É verdade que na Ilíada não havia tantos heróis como na
[guerra do Paraguai ...

Mas eram bem falantes

E todos os seus gestos eram ritmados como num balé

Pela cadência dos metros homéricos.

Fora do ritmo, só há danação.

A poesia não há salvação.

A poesia é dança e dança é alegria.

Dança, pois, teu desespero, dança.

Tua miséria, teus arrebatamentos,

Teus júbilos

E

Mesmo que temas imensamente a Deus,

*Poderia dizer que este texto foi elaborado para os alunos da Prática de Ensino II em Geografia da Universidade Federal do Ceará, no segundo semestre de 1999, mas isso não diria nada. Este texto é para Wellington e James, Thales e Neto, Eliane e Paulo, Pitombeira e Fábio, Hermeiro e Décio e ainda para Alexandra e Elieser, companheiros de trabalho. O presente texto foi publicado originalmente com o título *A Aula* na Revista Geográficas n. 2, no ano de 2001.

Dança como David diante da Arca da Aliança;
 Mesmo que temas imensamente a morte
 Dança diante de tua cova.
 Tece coroas de rimas...
 Enquanto o poema não termina
 A rima é como uma esperança
 Que eternamente se renova.
 A canção, a simples canção, é uma luz dentro da noite.
 (Sabem todas as almas perdidas...)
 O solene canto é um archote nas trevas.
 (Sabem todas as almas perdidas...)
 Dança, encantado dominador de monstros,
 Tirano das esfinges,
 Dança, Poeta,
 E sob o aéreo, o implacável, o irresistível ritmo dos teus
 [pés,
 Deixa rugir o Caos arônito...

A AULA COMO PROCESSO

A atividade da aula realiza o professor, como se não fosse apenas o professor que fizesse a aula, mas fosse feito por ela. Pensada nesse sentido a aula é processo e não produto, não é uma coisa com finalidade plenamente determinada, ainda que tenha um fim, não é uma coisa que possa se assemelhar à mercadoria que se troca por algo.

Desse modo, a ultrapassagem de uma perspectiva tradicional no âmbito da educação exige que os professores não vejam mais os alunos como se fossem objetos sobre os quais se deposita conhecimento, bem mais que isso, eles são sujeitos do processo no qual se dá a realização processual do próprio professor.

Cai assim, por terra, aquela antiga idéia de que apenas o professor detém o saber e que o restante deve receber esse saber sem questionamentos. Como se os estudantes fossem folhas em branco, recipientes vazios aos quais se deve encher de conteúdos, meros objetos

destituídos de vontade¹.

Por isso, devido a essa concepção, durante muito tempo os professores foram considerados uma espécie diferente de ser – como se fossem “donos da verdade”, “guardiões da verdade”, “legisladores da verdade”. Esse encastelamento provocou aquilo que chamamos de tradição seletiva, ou seja, a repetição, durante séculos, de um conhecimento que não era saber.

Quando digo conhecimento e não saber, estou me apoiando em Marilena Chauí que diz ser o conhecimento algo socialmente instituído, tido como verdade irrefutável e, por isso mesmo, impeditivo para a realização de quaisquer transformações. Já o saber é trabalho instituinte que nada aceita como sendo verdade acabada e, por

¹ “Na concepção bancária da educação, o conhecimento é um dom concedido por aqueles que se consideram como seus possuidores àqueles que eles consideram que nada sabem. Projetar uma ignorância absoluta sobre os outros é característica de uma ideologia de opressão. É uma negação da educação e do conhecimento como processo de procura. O professor apresenta-se a seus alunos como seu ‘contrário’ necessário: considerando que a ignorância deles é absoluta, justifica sua própria existência.” (FREIRE, 1980, 79).

isso mesmo, está preocupado em compreender o que o conhecimento instituído tenta encobrir?

O professor, pensado nessa perspectiva, é menos aquele que professa um conhecimento instituído e mais aquele que produz um saber instituinte. Por isso é impossível, ou quase, aceitar que exista aquele professor que não queira, antes de mais nada, vir a saber, o que exige dele uma atividade permanente de investigação.

Desse modo o professor não é portador apenas de um conhecimento que se reproduz desde o primeiro poema homérico, mas portador de um saber que ainda não é e, logo, que reclama existência criadora, isto é, exige *ser*. Por isso, o professor não é apenas aquele que traduz os textos para os alunos, como propõe Sanjurjo Meserani Curti³; o professor é criador de um novo texto, às vezes não escrito, que ocorre no interior mesmo da sala de aula. O professor deve ser menos um mero repassador

² (CHAUI, 1981, 05)

³ “Em resumo, o professor é um tradutor das fontes de conhecimento para seus alunos.” (CURTI, 1995, 149).

daquilo que se instituiu como verdade e mais o sujeito capaz de relativizar as verdades a partir do saber social contido na realização do seu próprio fazer histórico.

E qual o lugar social em que o professor se realiza como ser? Dentro da sala de aula, na aula. Por isso a aula é antes de mais nada sonho e trabalho, imaginação criativa e dança, poesia e luta, como na *Ilíada* de Homero.

A imagem, entretanto, que se tem da aula, para muitos, é a imagem da morte. Aquel e lugar fúnebre onde toda a vida deixou de existir, onde apenas foram paralisados os movimentos em torno dos objetos imobilizados pela desesperança, onde o professor foi completamente esvaziado de sua auto-estima e agarra-se ao livro por detrás de sua mesa infestada de cupins, como o naufrago que jamais se salvará do afogamento e espera conformado a visita de Hades — o deus da morte⁴.

E por pensar diferente é que as aulas são

⁴ “Quando os três filhos de Crono partilharam a herança paterna, o mar escumante, diz Homero, coube a Posídon, o Céu imenso, com todas as nuvens, foi o apanágio de Zeus, e Hades ou Plutão

para mim aquele momento e lugar em que devemos dar o melhor de nós e despertar o que há de melhor nos outros. A aula como celebração da vida e não da morte, como diálogo criativo, como vir-a-ser e não como tendo sido sempre, como luta contra tudo aquilo que nos oprime e não como entrega ao que nos oprime.

Assim, à moda da antiga ágora, a aula é o lugar onde se realiza uma permanente luta política e ideológica. Abrir não desse lugar implica em aceitar a realidade que ora nos submete a uma péssima formação, a baixos salários, a condições aviltantes de trabalho, à privatização do ensino, à repetição extenuada dos mesmos mecanismos de dominação.

Por isso é preciso lutar contra uma idéia que tem se tornado lugar comum: a de que só aqueles que nada sabem fazer vão para a sala de aula, tornam-se professores. Essa briga é ideológica

obteve, como domínio próprio, o mundo subterrâneo. Vivendo constantemente no seio da noite espessa e profunda, confinado para sempre num império de insondável tristeza, Hades, coberto por um elmo que o tornava invisível, era o sombrio rei do reino dos mortos.” (MEUNIER, 1994, 91)

porque os professores só podem realizar-se plenamente quando tem garantidas suas mais elementares condições de existência, sem essas garantias básicas há, desde o principio, o que poderíamos chamar de um fracasso escolar dos professores, que devem considerar a si como incapazes de realizar aquilo que os faz ser. Por isso a luta por uma valorização dos profissionais em educação.

Por essas razões, acredito que não há fórmula pronta para a sala de aula e para a atividade professoral. Dizer como dar uma aula ou como devem ser suas aulas é como negar tudo aquilo em que efetivamente acredito. E poderia até lhes perguntar se devemos oferecer as pessoas apenas aquilo que elas esperam de nós ou se devemos surpreendê-las permanentemente. E surpreender naquele sentido de trazer a tona aquilo que se encontra submerso em nosso mais profundo inconsciente.

Ao invés de tratá-los como incapazes e fornecer-lhes instrumentos com os quais vocês

devem se adaptar, imagino que é preciso tratá-los como capazes de se instrumentalizar para a vida, como criadores acima de tudo e como criadores que são críticos de tudo aquilo que se apresenta como verdade inconteste.

Trocando em miúdos, hoje, muitas são as técnicas que fazem os professores, mas poucos são os professores que lutam contra a ditadura da técnica. A técnica é importante, mas que técnica?

Problematizando a questão das técnicas

Uma técnica, qualquer uma, não pode deixar de ser considerada como um artefato histórico, cultural e social. Histórico porque a história da humanidade é, de certo modo, como já disse Jacques Ellul, uma história das técnicas – apontar o lápis com uma gilete ou matar milhões com uma bomba atômica são técnicas que devem ser historicamente situadas, datadas e tidas com finalidades contextuais dadas. É cultural porque está

baseada nos cultos e ritos que reproduzem, cotidiana e historicamente, a experiência que dá identidade diferenciada aos mais distintos povos dos mais variados lugares do mundo. A técnica é social porque é produzida e aceita, ou imposta, pela ou para a sociedade como um todo e porque não há técnica que não seja relacional, pois é por meio de uma infinidade de técnicas que nos relacionamos com os outros — sejam elas de tortura, como as utilizadas durante os anos de chumbo da ditadura no Brasil; sejam aquelas do Karma Sutra para a inigualável arte do amor.

E, repetindo um velho ditado popular, se lhes der o peixe como aprenderão a pescar? E ainda que lhes desse a vara para pescar, imagine o que ocorreria se os peixes descobrissem que por traz das iscas se escondem anzóis? As técnicas se tornam obsoletas às vezes, as vezes são obsoletizadas. Por isso não há técnica que não seja, também, opção política.

Vejam o caso da produção agrícola. O que hoje mais nos mata é aquilo que nos alimenta. Nunca

como dantes pudemos produzir tantos alimentos, entretanto nunca houve tanta fome no mundo como hoje há. O veneno contido nos grãos, a mutação genética dos transgênicos, a destruição das condições ambientais mínimas para a sobrevivência. Entretanto, para além de tudo que foi produzido pela biotecnologia no diapasão capitalista não se pôde ainda superar certas culturas milenares dos aborígenes da América do Sul, seja quanto a conservação da biodiversidade, seja quanto a estabilidade do biosistema.

Bem, as técnicas para a sala de aula são assim, tudo isso: técnicas. Como planejar uma aula? Como executar uma aula? Como avaliar os resultados que uma aula produziu? As técnicas devem responder a esses problemas, mas eles não existem, *a priori*, fora da sala de aula, da luta político-ideológica, da experiência, da história.

De Algumas Perguntas Indispensáveis

O importante é que o professor antes de estar disposto a dar respostas deve fazer a si mesmo uma série de perguntas: a quem ensinar? O que ensinar? Quando ensinar? Como ensinar?

A quem ensinar? Esta pergunta reafirma quase tudo que já disse, a sua complexidade é cultural, etária, social, política. Ensinar em uma escola com maioria judia, não é o mesmo que ensinar em uma outra de maioria palestina, além do que é preciso respeitar as minorias e respeitá-las não apenas por ser minoria numérica, mas porque elas são a expressão de opções que precisam ser respeitadas. Ensinar para crianças não é o mesmo que ensinar para adolescentes, como não é o mesmo que ensinar para adultos. Ensinar na periferia para jovens trabalhadores que só frequentam a escola a noite, não é o mesmo que ensinar para jovens que construíram suas relações sociais mais profundas fazendo compras nos shopping centers. Ensinar a trabalhadores rurais é uma opção política diferente de ensinar aos filhos dos empresários da soja, o que implica em dizer que o professor faz uma opção

política no momento mesmo em que se compromete a ensinar algo a alguém.

O que ensinar? Essa é uma pergunta que exige sólida formação profissional, porque sua natureza é eminentemente epistemológica. Por exemplo, o que ensinar em Geografia? Bom, se a formação profissional for desqualificada, os professores tenderão a ver nos livros e nos currículos prescritos a sua tábua de salvação e reproduzirão exatamente aquilo que está colado às páginas. Por isso a primeira coisa a pensar é exatamente sobre aquelas coisas todas que ficaram de fora, que não se propôs formalmente que fossem ensinadas. Porque se nós não tomamos consciência do que estamos ensinando, não somos nós que ensinamos, mas o livro e o currículo manifesto⁵ que nos tomam como se fossemos corpos vazios do qual se apoderara um espírito estranho.

⁵ O currículo manifesto é o mesmo que currículo formal. Sobre o assunto seria interessante recorrer a discussão sobre Teoria do Currículo realizado por estudiosos como Tomaz Tadeu da Silva, Antonio Flavio Moreira, Henri Giroux, Paul Maclaren, dentre outros.

O que ensinar, portanto, exige um duro trabalho de pesquisa, baseado em uma crítica imanente e contínua, que não aceita nenhum conhecimento *a priori* e por isso mesmo quer saber sempre a origem do discurso e suas mais variadas finalidades. Caso não façamos essa opção poderemos estar incorrendo no equívoco de, muitas vezes, reproduzirmos boa parte das visões estereotipadas de mundo, ainda que não tenhamos consciência disso. Assim a opção por tornar-se consciente daquilo que se ensina é uma opção política.

E por que uma opção política? Porque aquilo que estamos a ensinar pode desencadear o preconceito racial, a intolerância para com certas opções sexuais, a justificativa dos sistemas de poder instituído, as máscaras sociais que estão postas atrás do discurso dos que teimam em não aparecer.

O que ensinar constitui-se assim de uma importância que é de vida ou de morte. Ou vocês esqueceram que os geógrafos franceses acusaram os professores de Geografia da Prússia de terem

sido os responsáveis pela vitória prussiana na guerra contra a França? Ou que Lacoste nos ensinou que a guerra do Vietnã foi cirurgicamente criminoso?

Por isso pode se optar por trabalhar a noção de escala nas representações cartográficas considerando apenas suas relações matemáticas ou analisá-las sob a ótica da cultura, da política, da ideologia. Em outras palavras, a aula de Geografia pode contribuir para fazer as pessoas pensarem sobre suas imagens de mundo, o modo como foram construídas, as razões pelas quais se mantêm e as maneiras outras de imaginar esse mesmo mundo.

E quando ensinar? Essa é uma pergunta que nos obriga a pensar o tempo contínua e descontinuamente. Continuamente porque há uma sequência cumulativa no processo de aprendizagem: aprende-se isso e depois aquilo, a pedra e depois a roda, a roda e depois as asas, as asas e depois os tijolos do tempo. Entretanto, há também um tempo descontínuo que se impõe vez ou outra, no sentido de que há coisas, processos que se dão por saltos, como na mítica história de Newton em que a maçã

se transformou em símbolo da lei da gravidade – assim é preciso que haja tempo para a sensibilidade das maçãs, para ensinar coisas que permitam saltos, bem como respeitar seqüências cumulativas, sem jamais considerá-las como restritivas, rígidas e intransponíveis. As seqüências existem também para serem quebradas, refeitas, reformuladas e, porque não, invertidas, rearranjadas.

Além disso, *quando ensinar*, implica em pensar que aquilo que será dito pelo professor será minimamente entendido pelos estudantes, senão o diálogo não se realizará. Por exemplo, imagine um professor querer ensinar a crianças de quatro anos projeções azimutais ou o conceito marxista de modo de produção?

Por isso o *quando ensinar* considera a distribuição contínua e descontinuamente, social e etariamente, psíquica e eticamente. Por exemplo, quando tratar do uso de preservativos como regra básica para uma vida sexual tranquila e saudável? Há quinze anos atrás nem se discutia sexualidade em sala de aula, mas hoje não discutir pode significar

o mesmo que estar condenando milhões de adolescente à morte. Logo, *quando ensinar* implica em fazer opções culturais, éticas, políticas, ideológicas e econômicas.

E como ensinar? Eis a pergunta que muitas vezes se encobre com os procedimentos técnicos. Ensinar através de transparências, mapas, poesias, material reciclado, textos, etc. Não é essa, entretanto, a resposta que devemos ser levados a dar. A questão é outra, é de prática social. Podemos, com a nossa prática, contribuir para formar de modo autoritário pessoas submissas, destituídas de capacidade crítica, disciplinadas para os sistemas sociais instituídos.

Caso tratemos os estudantes como ignorantes, pessoas que nada sabem, meros receptáculos do conhecimento, então muitos deles vão aprender a ser ignorantes, a agir como ignorantes e a viver alienadamente. O *como ensinar* implica em estabelecermos que atitudes gostaríamos de vê-los tomando diante da vida, o que dependerá de nossas atitudes dentro e fora da sala de aula,

das posturas políticas e éticas por nós assumidas, no dia-a-dia e historicamente.

E assim, o uso desse ou daquele procedimento em sala de aula implica em compartilhar com os outros o que nós somos. Estamos ali inteiramente com nossa história de vida, nossas angústias, nossas opções sexuais e religiosas. E se nos dermos conta disso podemos ver os estudantes como parte da nossa vida, companheiros de trabalho, pessoas com as quais compartilhamos sentimentos. Ou vê-los como objetos que manipulamos e dos quais nos servimos para controlar, porque o compromisso de alguns muitas vezes não vai além da manutenção precária e aviltante de uma vida que se deu por vencida.

Um ato de amor e de luta

Por todos esses motivos dar aulas não é para descomprometidos, nem para qualquer um. Ser professor exige muito mais e não apenas aquilo que se tornou idéia comum entre nós — a idéia de que

qualquer um pode tornar-se professor.

A aula, toda ela, todas elas, deve ser um ato de amor, uma dança, um organismo múltiplo, um gozo ensurdecedor, uma festa, um ato político, uma manifestação de indignação contra as injustiças. Aqueles que não vêem isso em uma aula, aqueles que jamais se arrepiaram com a descoberta de um dos seus alunos, aqueles que jamais souberam o que é velar à noite as palavras do dia seguinte, jamais saberão, jamais sentirão o prazer que a profissão de professor pode proporcionar.

Porque é preciso dizer, às vezes ironicamente, como o fez Mário Quintana, que só houve assassinos e nenhum herói na Guerra do Paraguai, que foi destruído pelo imperialismo britânico com as mãos de argentinos, uruguaios e brasileiros.

A luta para ser professor é homérica, como na *Ilíada*. Às vezes uma luta com palavras, como na *Quintana*, penso que aula é poesia. Assim, tomar consciência disso talvez seja como seguir o exemplo

do *Operário em Construção* de Vinícius de Moraes e “*crescer em alto e profundo, / em largo e no coração*”.

BIBLIOGRAFIA

- CHAUÏ, Marilena. *Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas*. 2ª ed. São Paulo, Moderna, 1981
- CURI, Samir Meserani. *O Intertexto Escolar: sobre leitura, aula e redação*. São Paulo, Cortez, 1995.
- FREIRE, Paulo. *Conscientização*. São Paulo, Editora Moraes, 1980.
- _____. *Educação Como Prática da Liberdade*. 7ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
- GRAMSCI, Antonio. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- GIROUX, A Henry. *Os Professores Como Intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1997.
- LACOSTE, Yves. *A Geografia - Isso Serve, Em Primeiro Lugar, Para Fazer a Guerra*. pitus, 1988.
- MEUNIER, Mário. *Nova Mitologia Clássica*. A legenda dourada – história dos deuses e heróis da

- antiguidade. 7ª ed. São Paulo, IBRASA, 1994.
- MOREIRA, Antonio Flávio e SILVA, Tomaz Tadeu (Orgs) *Curriculo, Cultura e Sociedade*. 2ª ed. São Paulo, Cortez, 1994.
- SILVA, Tomaz Tadeu. *Documentos de Identidade: uma introdução as teorias do currículo*. Belo Horizonte, Autêntica, 1999.

CRÔNICAS PARA SALA DE AULA

A sala de aula, embora pareça para muitos um lugar onde as coisas acontecem sempre do mesmo modo, não é bem assim como parece ser. Os professores e alunos sabem bem que muitas são as coisas que podem ocorrer durante uma aula e que uma aula nunca é como outra.

Foi pensando no agitado cotidiano da vivência docente que vieram as crônicas - por uma série de razões que aliam as crônicas ao próprio dia-a-dia da sala de aula.

As crônicas caracterizam-se por ser um gênero que está, historicamente, ligado ao cotidiano. Como textos rápidos e curtos, feitos para um pequeno espaço nos jornais, elas falam sobre coisas que de algum modo dizem respeito a todos.

Depois, por serem textos curtos, levam pouco tempo para ser lidos e nesse sentido acabam convidando os leitores a, como disse Fernando Pessoa, penetrar nas florestas do alheamento, encantar-se pela leitura, a começar a gostar de ler.

As crônicas, nesse caso, são uma espécie de convite para a iniciação, mas também são textos para uma reflexão sobre os temas dos quais busca tratar. E os temas podem ser os mais distintos, amplos, diversos. E não só. Os caminhos para tratar de uma temática, são também múltiplos, garantindo que a criatividade seja um dos elementos essenciais da produção e reprodução de crônicas.

Uma aula dura algo em torno de cinquenta minutos, enquanto a leitura de uma crônica não vai além de dez, em média. Isso permite que uma crônica possa fechar ou abrir uma aula, dando leveza a temas que pareçam ser pesados para os estudantes.

Os temas de que tratam as crônicas, por sua vez, podem ser objeto de mais de uma disciplina, garantindo, desse modo, que os professores possam explorar a mesma temática por intermédio de diferentes olhares. Até porque, nas propostas atuais para o ensino, ganham força os currículos pensados em torno de temas e a partir de uma perspectiva interdisciplinar.

Para caminhar pensando

O Paulo Leminski, poeta curitibano, costumava dizer: “Andar e pensar um pouco, que só sei pensar andando. Três passos, e minhas pernas já estão pensando.” Modo tal, tal modo, que o pensamento do poeta ia em seus pés pelo mundo. E entre nós geógrafos-educadores, que andamos muito, fico a imaginar o que se pode pensar, quando com outras pessoas a gente quer caminhar. E mais, quando o nosso ofício geográfico de caminhar requer que nós andemos um pouco mais que os outros. Pois bem, antes de qualquer passo adiante há aquele bom costume de pensar onde se vai, porque a gente para sair de algum lugar precisa de pelo menos ter aquela idéia de onde deseja chegar. E assim, depois de ter claro o destino que nos espera, aquele endereço escolhido para onde se vai de algum modo, é preciso que se escolha o modo de ir - *a pé, de carroça, à jato*. E assim, mesmo antes de sair com um pé na frente do outro, é necessário considerar aquelas coisas de tempo, de distância,

de engarratamento de trânsito, de rábua de maré, porque das duas uma: ou o mar nos engarrafa ou nos afogamos no trânsito. Esses detalhes de quem deseja chegar bem, mesmo que chegue tarde. E ainda tem muito que se pensar quando se anda com alguém. Pensar naquilo que a gente vai ver aonde quer que se vá; e no que vamos sentir-se o chão for macio ou duro, molhado ou seco, quente ou frio; e se ouviremos algo como o som do mar no rochedo, o ronco da onça, o freio do ônibus. Porque menos de um passo já basta para que o corpo sensível possa sentir mais que possa. E de tal forma ou maneira, que educar na Geografia, necessita dessas coisas de andar, sentir e pensar um bocadinho; de tal jeito que lá fora sob o céu ou a fumaça, o chão que sob os pés nos passa, tenha sabor de brincadeira e seja coisa muito séria. Séria, solidária e boa. Boa ao ponto de andar não cansar muito. E há que se aprender, a sentir e pensar, quando se passeia pelo mundo afora. Parafaseando o Guimarães Rosa, que já dissera em suas andanças pelo Sertão que é preciso aprender de repente, porque quem sabe

mesmo nem sempre ensina, mas aprende quando menos se espera. Pois eis que desta maneira, um geógrafo que educa, deve compor sua rota antes de sair da escola; buscando um jeito, algum modo, de não dar *com os burros n'água* ou esquecer que, no caminho de volta, por dentro da sala de aula, tem que viajar de novo ao mesmo local de antes, com as pernas da memória de quem pensou e sentiu e fotografou e fez perfil topográfico e mapeou o caminho.

Erótico mangue

O mangue é habitualmente visto como sinónimo de podridão, de lama, de sujeira. Expressão quase horrenda de árvores retorcidas à procura de ar. Caldeirão de doce e sal. Solo plástico. Fundura de chão onde quase todo homem e mulher afundam metade de si.

O mangue mistura no seu ser caótico uma multiplicidade de contrários indivisos, unidade de muitos ambientes naturais superpostos, rearranjado de modo fenomenal em algo novo e renovador.

O mangue apresenta uma paralisia sem par, parece sempre imóvel, pesado, morto. Em meio à terra encharcada, material geológico recente depositado sobre o manto aquoso, as raízes se erguem à procura de oxigénio; caranguejos de muitas cores e tamanhos tramam, em sua enviezada dança, um esconde-esconde de criança; escorregadios ou pegajosos, mariscos e peixes esquisitos buscam sua proteção nas zonas mais escuras.

O mangue vive de um jeito diferente. Entre

o rio e o mar ele se ocupa de ser um incestuoso estuário da vida que veio e da vida que passará. Em seu manancial confuso de argila absovente, sítio brincante, organismos em decomposição, o universo vivo de suas belas formas se recria incessantemente.

Ambiente mágico e dialético, oposto ao desenho estético disciplinador, o mangue fechado sobre si mesmo, abre-se em seus mistérios para receber. Quem desejar compreendê-lo deve tentar penetrá-lo incansavelmente, abandonando a terra firme da certeza e a clareza das fontes limpidas.

Decifrar o mangue exige, de quem o deseja, que se pare para escutá-lo, que se abraça a ele de corpo inteiro, que se sinta o seu odor como um delicado perfume. Um banho no lamaçal de uma vida profundamente mutante, naturalmente rica, esplendidamente cheia de diversidades abertas para a infinidade do possível.

Sons e sal. Doce e maré, cambiantes, balançantes. Flor por dentro as folhas das raízes: o *siriniba*, o *branco*, o *vermelho*. Movimento interior intenso, negro e denso. Caos e geração incessante.

O mangue é lindo, belo, poético.

O mangue é bercário, mãe que alimenta o mar para que o homem no mar se alimente. Seu rico ambiente são ventre e seios femininos, segredo de como prolongar a vida amando.

Habitados que estamos a ver morte na vida, desespero na esperança, fim onde há apenas começo, o inverso do avesso no oposto de si mesmo, devemos pois tentar repensar um pouco do que pensamos e o mangue nos sugere muito para isso.

Chico de Toinho de São José do Bendegó

Quando resolveu que ia para longe foi um alvoroço só. A família, depois de ter perdido quase tudo, ainda perderia Chico, o filho vivo mais velho de Toinho com Belarmina. Chico tivera outros tantos irmãos, bem uns vinte, mas agora eram bem poucos os que haviam sobrado contando algum tipo de história. Todos morreram de precisão, como se diz entre os despossuídos, causa principal dos óbitos de tantos desvalidos no meio dos sertões sem fim.

Chico só sabia barbear a terra com a enxada, nada mais. Já São José do Bendegó, por sua vez, era um desses vilarejos com uma casa aqui outra acolá, feito dentição de criança. A vida lenta. Umás duas bodeguinhas. Notícia só de rádio ou quando se ia à pracinha para poder ver a televisão ou quando, à luz da lamparina, se contava um caso em verso.

E ir para longe era deixar a família, abandonar a terra tantas vezes afagada por suas

mãos calejadas, era de vez perder de vista as paisagens da infância e a lembrança dos primeiros aprendizados de tudo que havia vivido até então. Mas era também, como todo parto, a utopia de não mais passar fome, de não ver a morte rondando o terreiro da casa, de não mais debulhar as suas poucas águas nos enterros dos anjinhos.

Chico de Toinho e Belarmina já de São José do Bendegó também tinha a esperança de que um dia seu exílio acabaria, como rezava para ver por terra as cercas dos latifúndios. Nos seus sonhos reencontrava os irmãos mortos pelo que lhes causara fome e corria com eles, de mãos dadas, no meio de um milharal de ondas verdes como o mar e espigas da cor do sol.

E Chico sabia, pois já tinha ouvido Paratiba sob a luz dos candeeiros, que dos vários lugares para onde poderia ir, em nenhum seria o Chico de Toinho e Belarmina, sobrinho de Zezão com Noca, afilhado de Balbina com Zé Odmar. Sabia bem que se fosse ao Rio de Janeiro lhe chamariam de paratiba e que em São Paulo seria pejado de baiano e não

raro lhe tratariam, assim como no nome, com o mesmo preconceito dispensado aos imigrantes. Embora não soubesse a história de italianos e japoneses no Brasil, não tivesse idéia do que foi a construção de Brasília, nunca lhe houvessem falado dos mexicanos mortos na fronteira com os Estados Unidos.

O Chico emigrante entretanto intuíra os riscos de ser o estrangeiro no lugar dos outros e que deveria levar São José de Bendegó consigo. Intuíra que seria preciso criar redes de referência com imigrantes iguais a ele, cultivar suas raízes mais profundas e sobreviver à xenofobia dos civilizados. O lugar levado dentro da mala e do coração garantiria junto a outros Chicos, Marias, Severinos, Rainmundas e José sobreviver ao desterro, permanecer vivo e quem sabe, um dia, poder retornar.

Fui à bodega comprar farinha

A farinha faz parte do cardápio dos cearenses, até mesmo nas piadas sempre aparece uma farinha com rapadura, mesmo desde as épocas em que não havia esse tal de viagra. E antes dos grandes supermercados era muito comum o velho fiado, em que se chamava o menino — até porque se dizia que menino só servia para dar recado — para fazer uma ou outra compra a retalho, desde meio quilo de açúcar até duzentos gramas de manteiga.

Elá seia o menino com a caderneta debaixo do braço, comprar um pouco de farinha para misturar com feijão ou para a preparação daquele pirão. Na bodega da esquina, o seu *Zé* pegava a farinha que estava ainda na saca, uma espécie de surrão desses que você dobra a boca à medida que ele vai se esvaziando, colocava um pedaço de papel de cor acinzentada sobre um dos pratos daquelas balanças em que o sujeito regula o peso com as pontas dos dedos e ia derramando, com um caneco

de medida, o restante que faltasse até a quantidade certa. Depois desse ritual, o bodegueiro tirava a caneta detrás da orelha, molhava na ponta da língua e anotava na caderneta dele e depois na do menino.

Geralmente na época em que havia poucos supermercados nós sabíamos de onde vinha e como era feita a farinha, desde o plantio de mandioca até a realização da farinhaada que era uma festa. O torro tirava o soro para que houvesse a goma. O rodo enorme espalhava a farinha sobre a quentura do grande forno a lenha. Depois comia-se o beiju com café, tudo ali, quentinho.

Desse tempo para cá os supermercados engoliram muitas bodegas e várias são as crianças que nunca foram a uma farinhaada, ainda que hoje, parafraseando Milton Santos, convivam no mesmo espaço o menino de recados e a Internet — ao ponto de no Ceará até aparecer a piada de que os cearenses haviam criado o mais avançado tipo de telefone celular — o molecular, porque bastava chamar uma criança, dar a mensagem e mandar: *moleque vai acolá*.

Hoje, entretanto a molecada mudou suas brincadeiras. Muitos dos produtos que habitam as bem-dispostas prateleiras dos supermercados vieram sabe-se lá de onde: *Taiwan, Cingapura, Itália, Portugal, China*. Hoje, ainda que não para todos, é possível comprar coisas pela TV ou ainda nos *shoppings* virtuais que estão na Internet. Ainda assim, convivem na mesma cidade, a feira de domingo em que galinhas são pesadas à mão, os supermercados que têm fibra de leitura ótica, os camelôs que andam de porta em porta e os produtos que podemos adquirir pelo correio.

Em uma diversidade assim, pensar o espaço tornou a tarefa complexa aos professores de Geografia; mas, de certa forma, acabou com a idéia de que o espaço geográfico é uma coisa *fixa, morta, petrificada*. Então agora é preciso, para compreender a realidade, saber, por exemplo, por que na mesma feira se oferecem miçangas paraguaias e comida local, de onde vêm as mercadorias, como os novos hábitos mudaram a paisagem da cidade, qual a relação dos mais novos

com o lugar em que eles nasceram e crescem, como convivem o menino de recado e o aficionado em jogos eletrônicos, o seu Zé da bodega da esquina e o grande supermercado, como as antigas famílias que viviam no campo se adaptam à cidade, como os trabalhadores rurais se transformam em operários fabris, qual a importância dos aposentados para a economia local.

E pensar esse espaço geográfico é a tarefa mais fundamental que os professores de Geografia devem realizar junto com seus alunos. Porque só compreendendo essa dinâmica espacial é possível exercer a cidadania, ao relacionar lugares e fenômenos, paisagens e pessoas, processos sociais e transformações naturais.

Geo morfo logia

Geomorfologia é um nome que espanta qualquer cristão, por ser cheio de *ós*, de *nós* e de umas tais de *logias*. Porém quer apenas dizer, em outras palavras, que o estudo das formas da Terra é uma aventura emocionante, cheia de altos e baixos: planícies, platôs, *cuestras*, tabuleiros e uma infinidade de materiais combinados nos mais diferentes relevos.

Relevo? E o que é relevo? Dá pra revelar quais são os seus segredos? Claro! Veja bem, não tenha medo, vamos escalar o mapa com se fosse um imenso brinquedo. Feche os olhos e tente tatear com a imaginação as paredes de uma montanha, não parece que ali se ergueu um enorme edifício sobre o chão? Tão grande que às vezes - a depender de onde estamos - não conseguimos ver o ponto mais alto? (um tal de pico, que parece ter argolas de nuvens em sua ponta e toca feito uma agulha a superfície azul do céu). Pois bem, o relevo é o conjunto dessa arquitetura maluca, que mistura todas

as construções: prédios inclinados, pirâmides do Egito, viadutos por dentro da terra. A natureza como não sabe desses desenhos complicados, pois nunca foi à Universidade, constrói coisas assim como as chapadas, os pães de açúcar, baías parecidas com as da Guanabara e vez por outra dá na cabeça de fazer arranhas-céus tais como o tal do Himalaia.

A geomorfologia está todos os dias em nossa vida. A gente sobe ladeira, desce ladeira, toma banho de rio, tem medo de afogamento no mar, vê a serra lá por traz dos pés de tamarindeiro. Vira e mexe o tempo inteiro e vão sendo elaboradas enormes planícies e construções sobre elas. Assim há sempre uma mistura interessante de formas que habitam a nossa visão e vivemos a viagem do alto, do plano e da depressão.

Aí vem alguém e pergunta: quem é que modela o chão? Quem lapida como escultor os traços da mãe Terra? Quem é que nela, com seu cinzel, desenha os caracteres de seu rosto: o nariz, os olhos, a boca?

Os traços em relevo da mãe Terra são feitos por muitos escultores ao mesmo tempo. Há alguns escondidos de baixo da crosta terrestre, são justamente esses que nunca aparecem que constroem as grandes montanhas e também as maiores depressões: as vezes cospem fogo como vulcões, ou dançam como no baile das placas tectônicas. Há outros que são mais superficiais como o vento, o mar, os rios, todos fazendo parte do mesmo movimento: trás, leva, desposita, torna a retirar, mexe pra cá e depois pra lá, e assim vão pintando o sete nas telas da natureza.

No litoral, por exemplo, tem duna andando e duna sentada, depende de como o vento se comporta. Tem falésia feita de abrasão marinha, como se fosse um muro que o mar construiu no seu vai-e-vem de preamar e maré baixa. Tem os tabuleiros costeiros, que mais parecem mesas, feitos de material que os rios foram trazendo do interior durante milhões de anos.

A Geomorfologia tem um nome que assusta, mas não morde. Ela é apenas o estudo da lógica de como a terra assume suas mais diferentes formas.

O mapa nosso de cada dia

Legenda com a palavra mapa

(Adélia Prado)

Tebas, Madian, Monte Hor,
esfingéticos nomes,
Iduméia, Efrain, Gilead,
histórias que dispensam meu concurso.
Os mapas me descansam,
mais em seus desertos que em seus mares,
onde não mergulho porque mesmo nos mapas são
[profundos,
voraginosos, indomesticáveis.
Como pode o homem conceber o mapa?
Aqui rios, aqui montanhas, cordilheiras, golfos,
aqui florestas, tão assustadoras quanto os mares.
As legendas dos mapas são tão belas
que dispensam as viagens. Você está louca, dizem-me,
um mapa é um mapa. Não estou, respondo.
O mapa é a certeza de que existe O LUGAR,
o mapa guarda sangue e tesouros.
Deus nos fala no mapa com sua voz geográfica.

Ali, onde o mapa se abre, a viagem começa.
A gente desenrola aquele papel enorme sobre a
mesa e vai percorrendo as linhas, admirando as
legendas, colorindo a imaginação, como o pássaro
quando sobrevoa os Andes com as asas abertas e
o mundo nas penas da mão.

Ali, no mapa, é onde mergulhamos no mar
com azuis em degradê e vamos invadindo o oceano
imenso. Os mares, bem menores que os oceanos;
as reentrâncias arredondadas dos golfos e baías;
os acidentes de percurso. A história das *grandes
descobertas* passa por aquelas águas da cor de anil.
Vez ou outra a mesma pergunta nos incomoda: o
que haverá de baixo daquele imenso tapete azulado?
E lá vai o submarino imaginário penetrando nas
zonas abissais, descobrindo um universo com outras
vidas.

Ali, pelo mapa, a nossa cidade se mostra
importante: ela tem um nome e um lugar no mundo.
Dentro da cidade os bairros e as suas ruas, onde
quase vemos o ponto exato da casa em que
moramos. O nosso endereço está logo ali, colocado

diante da nudez dos olhos, e acabamos pensando como seria difícil as pessoas nos visitarem, não fosse a existência do mapa. Seria uma tremenda confusão misturar Sul com Norte e andar na contramão dos pontos cardiais. Sofreríamos provavelmente alguns efeitos colaterais, porque muita gente ia acabar se perdendo e morrendo de raiva.

Ali, quando o mapa é escalado pelo olhar, a gente vai subindo a montanha bem devagar. Em cada curva de nível paramos pra tomar um fôlego e um gole d'água, que ninguém é de ferro. Depois continuamos até o topo, onde o frio é maior e a pressão diminui, dando aquele ar de leveza e uma tremenda falta de ar. Aí resolvemos descer pela encosta mais íngreme, onde as linhas curvas são bem juntinhas e todo mundo tem que segurar bem as cordas da imaginação pra não cair da realidade. Depois enveredamos pela floresta inensa, com seu verde negro, seus mistérios e lendas, suas árvores seculares quase sem fim, os índios que ainda restam e os vazios, onde o fogo da ambição tirou o verde do mapa.

Ali, por dentro do mapa, há uma imensidão de rios cruzados, muitos crucificados e outros sobrevivendo por um fio. Alguns deles são traços tão tênues que, se não olharmos bem para o papel, nada é possível ver. Insistimos em navegar por dentre o sinuoso rabisco feito de azul e vamos vendo outras figuras que surgem naturalmente no mágico desenho. Só então percebemos a importância que tem o terreno onde o rio corre: é nele que o rio esbarra, faz uma volta ou se revolta e abre um buraco, vibra em corredeira, em uns momentos se encolhe e noutros se espalha. Desce, desce do alto de onde nasce, lá na nascente, e se liga a outro rio em correria ou então corre para o mar cheio de alegria, cantando uma serenata na foz.

Ali na mesa o mapa pode ser apenas um pedaço de papel, mais nada, e no entanto ele significa um grandioso universo cheio de símbolos e lendas, maravilhosamente mudo enquanto fala para quem o olha. O mapa representa para nós o tempo inteiro e brinca com o nosso desconhecimento do planeta. O mapa nos tem na mão, não nós a ele,

e assim vai escorregando como se fosse areia colorida entre os nossos dedos. O mapa é uma grande representação, esse é o seu papel, o resto é só impressão.

Os solos são

Os solos são uns filhos da rocha mãe. Até parecem ser bem quietos, mas essa aparente calma esconde o quanto o solos são vivos, vivíssimos para dizer a verdade. Enquanto os outros pensam que eles estão mortos há uma série de processos ocorrendo no seu interior, como se houvesse uma festa com os seres mais estranhos que alguém possa imaginar.

E não pense que é só minhoca que passeia no solo. Lá passeia todo tipo de bactéria, de fungo, de bichinho que se vê a olho nu e de outros tantos que só mesmo com um microscópio. Aí meu amigo, com tantos seres assim, o solo fica parecendo uma espécie de mercado Persa, um tipo de feira livre, só que sem dinheiro. E é um troca-troca fantástico de elementos químicos, materiais orgânicos, sais minerais, que o solo vai se transformando permanentemente.

E ciclo vai, ciclo vem e o solo é uma festa: é bactéria decompondo nitrogênio e trocando por

outras coisas do gênero; é minhoca construindo caminhos e produzindo húmus; é água que vai deixando os sais quando evapora; é o ar que vai circulando pelos pequenos canais feitos de minutos grãos de diferentes formas, tamanhos, cores e origem.

E essa coisa de origem é fundamental, porque sempre disse minha avó, que os filhos parecem com os pais. Ora, se a rocha mãe for muito ferro, pode esperar que o solo vai ser meio vermelho; já se a rocha que é mãe for muito cálcio, o solo vai tender fortemente ao branco. E não pense que só a rocha mãe é que dá origem a tudo, pois o clima aparece nessa história meio como uma espécie de pai. Vai me dizer que nunca ouviu falar no tal intemperismo?! Pois o clima, amigo velho, decompõe a rocha mãe e o processo inicial a gente chama de intemperismo.

Ora, ora, se o clima for meio árido, a tendência vai ser do clima quebrar muito a rocha; mas de mudá-la muito pouco, pois ela vai continuar, por mais quebrada que esteja com a mesma

composição mineral e os solos tenderão a ser rasinhos, raquíticos, superficiais. Já se o clima for úmido, aí vai ser outra história, porque ele vai amaciar a rocha mãe, mudar suas características iniciais, torná-la menos rocha, menos dura e é claro, mais macia, mais profunda.

Por isso o solo é como se fosse uma espécie da relação entre um clima, assim meio pai e uma rocha, meio mãe. É dessa relação que os filhos solos tendem a ser a *cara encarnada e esculpida dos pais*.

E mais uma coisa meu amigo, o solo também cresce, também muda de horizonte com o tempo, também tem lá seu perfil, suas características, digamos assim, mais pessoais. Todo solo tem seus traços íntimos, sua identidade química, uma certa estrutura física. Uns são rasos, outros profundos; uns velhos, outros bem recentes; uns vermelhos, outros amarelos, alguns brancos, outros negros, além daqueles que possuem variadas cores.

Os solos são vida e suas raízes, ainda que não nos demos conta disso, estão vivas dentro de nós.

Das coisas sem serventia uma delas é a geografia

A Geografia é um desses negócios chatos que inventaram para ser a palmatória intelectual das crianças. Não dá prazer nenhum brincar de ser recipiente de nomes difíceis e ainda ter que repetir tudo certinho na hora das provas.

A tortura geográfica, comum na maioria das escolas, é um exercício constante de ver um mundo de coisas, decorar o máximo e não aprender nada. São aquelas palavras cheias de nós consonantais que, vez por outra, o sujeito tem que repetir lá na frente, correndo o risco de se engasgar com uma montanha e ser motivo de deboche a semana inteira.

A utilidade que a criança vê em aprender geografia é a mesma que tem o aquecedor do Lada, apropriado para derreter neve, no Nordeste brasileiro. No fundo, é uma violência desmedida da sociedade inteira contra a meninada que queria mesmo era brincar e fazer coisas divertidas.

Ao invés de sentar para ouvir assuntos

estranhos à sua vida, talvez a criança preferisse conversar sobre sua casa com aqueles terríveis conflitos de espaço, ou sobre o bairro com suas ruas plenas de lembranças, ou da cidade com os seus atrativos e desafios.

A infância para passear é uma reivindicação permanente, um *outdoor* estampado na testa de milhares de meninas e meninos. Botar os pés no chão e sair por aí conhecendo os lugares: andando, olhando com admiração e medo a loucura das construções adultas, sentido o cheiro das árvores e da fumaça das fábricas, tateando vitrinas como muros impenetráveis, ouvindo o rugir dos sapatos apressados nas horas de pique das praças centrais.

Todavia, como diz Rubem Alves, a infância é uma coisa inútil, assim como tudo mais nesta sociedade da produção e do consumo, onde a criança só vale enquanto promessa de boa fortuna.

A Geografia que se aprende na escola, aparentemente inútil, tem uma utilidade ímpar porque produz uma enorme massa informe de alienados. As pessoas não sabem que o espaço em que vivem

tem um sentido que não aparece, porque detrás dos objetos sem história há histórias que desconhecemos. É que estávamos pensando no Himalaia enquanto o serviço de transporte coletivos em João Pessoa foi pensado para enriquecer os empresários e servir mal a população sem rodas.

Em uma “cidade boa para viver”, talvez não seja de bom tom usar da Geografia para perceber favelas pipocando aos quatro cantos, ou para demonstrar que é possível de um mesmo ponto na verde “Paris brasileira” - o Bar da Pólvora - admirar o pôr-do-sol e ver o lixão do Roger*, ou para entender a origem dos “pegas” desiguais na Epitácio Pessoa entre carros importados e carroças puxadas a burro. O mesmo espaço comporta jogos e jatos.

As pessoas podem até não acreditar, mas a ciência geográfica tem uma utilidade que poucos conseguem ver, pois um dos papéis que cumpre é justamente o de cegar a sociedade, desde a infância,

*N.E. O lixão do Roger, em João Pessoa, foi recentemente desativado.

de uma leitura da produção social deste espaço cheio de contradições.

Por outro lado, como em tudo mais, o fazer científico só serve quando feito por prazer, coisa esquecida nestes tempos cabeludos em que viver para a felicidade é quase um crime, parafusando Brecht. A Geografia, assim como a criança, é um perigo para os homens sérios que fazem do lucro seu sentido existencial, porque no meio da brincadeira ela pode deixar muitos reis completamente nus.

Sentidos

A casa dos meus avós tinha um cheiro de jasmim. Esta lembrança é tão marcante que, onde quer que eu esteja, o cheiro dessa flor me enche de imagens familiares. Vejo a cozinha da casa com seu forno a lenha, a grande sala de várias portas, os quartos à meia parede, o corredor largo que dá acesso a muitos lugares, a portinhola da entrada como duas grandes asas, os jasmineiros no jardim cercado pelo muro baixo e o pequeno portão de ferro que abre para a praça de uma infância repleta de janeiros maravilhosos.

E por falar em praças sempre gostei mais daquelas que, repletas de gente, fazem os meus sentidos auditivos barulharem. Os duelos dos cantadores de viola, as orações dos evangélicos, os anúncios das vendedoras de miudezas, o homem da cobra, a militante de esquerda, a conversação animada dos transeuntes como se fossem pingos de água na grande onda sonora que faz a praça reverberar como um sino gigante.

E o que dizer, por pensar no toque do sino, daquilo tudo que me toca o corpo e que o meu corpo toca? À superfície da pele, sentindo as águas do mar ou dos rios, massagear a argila para compor inúmeras formas, manipular tintas diversas com as mãos cheias de cor no papel monocromático, sentir o beijo quente do vento no rosto, andar com os pés nus sobre o chão coberto de folhas. Coisas assim que fazem a epiderme ler o universo nos dias em que deixo o interior da casa e caio no mundo e volto a brincar com minha prima matéria.

Matérias primas, primícias e familiares, que encontro em um fantástico balé de cores e formas que a visão capta diferentemente de outras culturas. Pontes suspensas sob arames de fino aço, casas circulares de taipa e palha, telhados triangulares para que a neve escoe. Tempos diversos nas formas das coisas e nas tintas das épocas, vitrais multicolores, janelas articuladas, beirais. Coisas de ferro, gesso, concreto pretendido, prédios imensos, o casario baixo. Isso tudo que baralha a visão e me faz viajar para às épocas mais remotas e imaginar o futuro,

como se essa linguagem visual me detivesse diante dos objetos e me pusesse adiante deles.

Já das viagens o que costume lembrar é do gosto das comidas e bebidas locais e a minha boca saliva diante dessas lembranças que provam o sabor de frutas endêmicas e dos pratos desconhecidos. Arroz com pequi, maniçoba, açai com farinha, feijão tropeiro, acarajé, pamonha, polenta, quentão, cachaca do brejo, vinho de cajú. E assim, em minha boca posso nomear o gosto dos lugares por sua brasa de pimenta ou a maciez de suas frutas carnudas.

Essas coisas todas que mexem com meus sentidos se misturam quando entro em contato com o mundo, estabelecem códigos de afetividade, desenham seus traços sensoriais dentro de mim. A isso tudo posso denominar de paisagem e repaginá-las para saber de mim sempre que preciso delas.

Um intricado jogo de xadrez

Já haviam feito uns quinze movimentos e, a essa altura, já sabiam que certas casas do tabuleiro eram como um campo minado — um passo em falso e a partida iria pelos ares. Tudo precisava ser muito bem calculado, pensado, pesado. Agora, no meio do jogo, pouco adiantavam os esquemas da abertura, posto que a abertura estava encerrada.

Os jogadores, como velhos generais, olhavam de suas cadeiras o tabuleiro esquadrihado em sessenta e quatro casas, como se olha das colinas o campo de batalha. Em suas cabeças faziam complicadas operações de guerra. Calculavam quais seriam seus movimentos e como responderiam o inimigo. Sabiam também que pouco adiantavam as ações a curto prazo e que era preciso pensar várias combinações adiante.

Outra das coisas que sabiam era da inutilidade banal de trocar peões por peões, umas peças pelas outras. Precisavam, isso sim, descobrir modos de posicionar de tal maneira suas forças que

conseguissem, com um movimento após o outro, ir dominando as diferentes regiões daquele cenário complexo.

Inicialmente tinham lutado para dominar a região central do tabuleiro. Ali dispuseram bispos e cavalos. Em ambos os casos buscava-se atacar o rei adversário e proteger o seu. Nesse caso era preciso administrar as conquistas feitas até então e estabelecer as possibilidades de ampliar os domínios do rei. Fazer isso seguindo um pouco a lição de que não há melhor defesa do que o ataque. Porque embora de longe, uma torre pode ser deslocada em coluna por muitas casas. A rainha, pode, em seus múltiplos movimentos, proteger, ao mesmo tempo, postos avançados de cavalos, bispos e peões.

As estratégias, uma tática após a outra, impunham uma permanente regionalização do tabuleiro. A cada conjunto de jogadas era preciso redimensionar a importância da atuação de cada peça e a extensão de seus domínios. Tratava-se de saber que peça mexer, quando fazê-lo, com que

intuito — considerando que era preciso também limitar o raio de ação das peças adversárias.

As peças brancas haviam, nessa guerra, perdido dois peões e um cavalo. Tinham uma vantagem com relação à penetração que um cavalo podia representar. Em contrapartida as casas pretas estavam dominadas pelo bispo e representavam um interessante obstáculo ao adversário.

Um movimento em falso e o exército preto perde sua rainha, obrigando o bispo da diagonal escura das brancas a se deslocar. O exército branco aproveita a fragilização dos domínios que esse deslocamento impõe e posiciona os cavalos em um L que domina a extensão de dezesseis casas e metade do tabuleiro. O rei das brancas se movimenta efetuando um grande roque, na tentativa de diminuir o domínio dos cavalos adversários. Mais um movimento dos cavalos pretos e um xeque obriga as brancas a entregarem sua rainha. Um movimento de peão e as brancas assumem toda a região direita do tabuleiro, com possibilidades de

deslocamento da torre em áreas centrais.

O jogo, claro, prossegue assim, por regionalizações. Os movimentos vão estabelecendo domínios, áreas de influência, marcas. Embora as peças sejam importantes individualmente, vale mais a complexa teia de relações que estabelecem entre si, no sentido de fazer dessa teia uma expressão de dominação do adversário.

É essa costura, às vezes invisível para muitos, que interessa construir e perceber. Perceber como costura móvel, que se refaz a cada lance, movimento, jogada. O que nos leva a pensar, que embora seja aparentemente fixo, o tabuleiro de xadrez move-se com as peças, move-se mais que as peças.

E esse movimento tem o significado de estabelecer domínios, áreas de importância, zonas de influência. Assim como se regiões fossem sendo redimensionadas em seu poder, resignificadas ao longo da história.

A cada peão um mapa novo. Romanos que avançam sobre o oriente. Ingleses que dominam a

Índia. Portugueses que reinam comercialmente no oceano Atlântico durante os século XVI. E assim, o mundo, como se fosse um tabuleiros de xadrez vai sendo modificado.

E, como se pode reconstruir uma partida de xadrez é possível reconstruir os domínios do mundo ao longo dos séculos. As regiões, embora pareçam naturais como um xeque mate em fim de jogo, são construções sociais e históricas. Suas linhas são as marcas de um tempo e as vicissitudes desse jogo de domínios.

Carta Aos Neanderthais

O ler e escrever não são os mais antigos modos de expressão humana. Entre os neanderthais, os cavaleiros de tacape em punho, ao certo, com grunhidos gentis, agarravam docemente pelos cabelos as mulheres amadas e as conduziam arrastadas pelo chão com delicada leveza.

Hoje, entre nós, ainda que haja alguns neanderthais e muitos só sabem grunhir, é preciso dizer que há outras formas de comunicar, dizer, galantear e quem sabe, encantar a quem se ama ou simplesmente se deseja.

Exemplo das novas estratégias de aproximação são os bilhetes com oito dígitos entregues furtivamente às “minas”, para ver se “rola” um “papo” pelo “fio”. Claro, há aqueles que “ficam” sem jamais saber os nomes um do outro, passam a noite sem trocar palavra, em uma luta corporal nada diferente daquelas realizadas pelos neanderthais; no máximo repetem gestos pictóricos e sons guturais e, depois, caem na selva.

Entretanto há pessoas que vão além dos oito dígitos e realizam uma comunicação escrita mais elaborada. São aqueles que escrevem cartas e, ao escrevê-las, registram graficamente, por intermédio de uma série de regras gramaticais e semânticas, seus sentimentos e as pulsões apaixonadas do corpo.

E cartas, há, de amor, que são suaves como a brisa, doces como a bananada que fazia a minha avó, delicadas como as orquídeas. Cartas há, de amor, quentes como o Etna em erupção e frias como o sorvete da esquina. Há cartas de amor duras, sensíveis, ciumentas, chorosas, enigmáticas, emocionantes, trágicas, deletérias, risíveis.

Ao ler uma carta de amor que alguém nos escreveu, geralmente, começamos do contexto. A carta, ainda lacrada, já diz uma porção de coisas, já mexe com a nossa adrenalina, substância química possuída também pelos neanderthais que, possivelmente, jamais escreveram ou leram carta alguma.

Em outras palavras, quando o carteiro grita e nós sofremos um enfarto, é porque o nosso corpo

já começou a ler. Lemos a situação, a conjuntura, o contexto. Nesse sentido nossos antepassados liam também, de acordo com sua cultura, mas à época dos primeiros habitantes não havia ainda os carteiros em azul e amarelo, responsáveis diretos por muitas dores no peito, diarreias, crises estomacais e distúrbios emocionais.

O fabuloso na carta é, ainda, o registro daquilo que sentimos durante a vida. Muitas vezes quando abrimos o velho baú, com aqueles envelopes meio amarfanhados, não raro, cada envelope guarda os sentimentos distantes. E lembramos da emoção, às vezes até ela nos toca de novo e, casos há, em que misturamos as sensações do passado com as do presente.

Enão nos enganemos, toda leitura mexe com a gente, pouco mais, pouco menos. Às vezes, é comum nós banalizarmos tanto as coisas que as palavras, faladas ou escritas, parecem ter perdido completamente o estatuto de dizer algo. É isso mesmo. Às vezes somos delicados como os neanderthais e poucas coisas, quase nada, nos

comove nesse paraíso de cimento armado e morte por inanição.

Claro também está que se nunca escrevemos nada, nós que fomos à escola para aprender a ler e escrever, isso é, no mínimo, preocupante. E não digo escrever apenas a lista de compras ou o rol de amigos que receberemos para a feijoada; digo escrever como quem sente a palavra ventania como a véspera de um furacão; o beijo com os lábios quentes e trêmulos; amigo como se déssemos um caloroso abraço; entardecer como se vissemos o crepúsculo, tom sobre tom, se desmanchando com o azul do céu até tudo tornar-se escuro.

Porque não escrevemos apenas para dizer, mas por sentirmos os vocábulo. Nunca dizemos impunemente coisa alguma, ainda que gaturalmente, ainda que impensadamente. Mas não é uma falta de impunidade para com os outros apenas, mas para com nós mesmos. Quando colamos um vocábulo no papel, mesmo depois de o riscarmos muito ou ainda que não tenha sobrado dele nem os resíduos

da borracha, ainda assim ele foi escrito para dizer o que estávamos sentindo.

Sentir e escrever, pois, são coisas que deveriam andar de braços dados para quem foi à escola. E fico imaginando que aventuras maravilhosas não perdem aqueles que deixam de escrever o que sentem.

Agá dois ó

A água é uma coisa líquida que vive de passar. A gente pode às vezes até não perceber, mas ela está em todos os lugares onde estamos. Às vezes é tão leve que se mistura com o ar e forma nuvens de mar. Às vezes é pesada como uma montanha, mas ainda assim brinca de flutuar sobre o oceano e fica lá, boiando, boiando, até se desmanchar.

A água, já descobriram alguns cientistas, é o feminino de *agá dois ó*, sendo que sua forma singular é conhecida como gota; no plural ela se pronuncia como um monte de pingos que misturados podem formar um rio doce ou um mar salgado; depende do gosto do freguês ou da onda da maré.

A água vive de mudar de estado: evapora hoje, chove amanhã, na semana que vem tá fria feito gelo, depois se derrete. Adora ficar indo e voltando, fazendo estripulia de menina sapeca. Tem dias que gosta de ser aquela nuvem que encobre o sol, em outros deseja descansar sobre a copa das árvores

para pegar um bronze legal.

A água tem momentos de grande recolhimento, quando penetrando a terra se esconde entre os espaços deixados pelos grãos de areia e fica ali quieta, depois aflora em alguma fonte e aparece como um riachinho tranqüilo, aí vai crescendo de tamanho e só pára quando tem que se abraçar com os braços do grande oceano.

A água não guarda nenhuma mágoa, não tem certos preconceitos e cabe em qualquer lugar. Está no nosso corpo também numa cor que é vermelha por fazer parte do sangue, mas prefere ser chamada de inodora, insípida e incolor. Suas três propriedades mais propagadas e apagadas são fruto da sua timidez de aparecer como uma das mais importantes substâncias da vida.

A água adora circular pela terra, sobe de um jeito e já desce outra, e vive assim de mudar as cores de sua roupa. Seu mais belo vestido é feito de sete matizes de um mesmo colorido, uma grande lição de arco-íris para o mundo, onde o que mais importa é poder propor aos homens uma aliança

de amor em vez de potes de ouro.

Enredada em seus segredos a água é mística, lava-nos de nossa tristeza quando por vezes choramos. Em lágrimas vertida a sua chama nos purifica, nos adormece o sofrimento, nos ressuscita para a maravilhosa aventura da vida.

A água está sempre por aí circulando o planeta no seu louco automóvel - um tal de ciclo hidrológico - evaporando gasosa, precipitando líquida ou sólida, parando no ar pela interceptação, infiltrando, ressurgindo, escoando às vezes um tanto superficialmente, e assim vai se remexendo toda e construindo o seu show natural - ou você nunca ouviu o rock do teto molhado, com trovão na bateria e a chuva sobre as teclas do telhado?

A água está sofrendo de uma doença que parece incurável e assume as dimensões de uma epidemia. Suja e maltrapilha ela está a cada dia menos limpa, menos potável, menos leve, menos sadia, menos corrediça, menos viva no seu jeito descontraído. Em algumas poças ela estagnou como se houvesse sofrido uma paralisia; em certos lagos

se tornou escura; noutros ficou escassa e, pior ainda, parece que o grande problema advém do fato de estar sendo envenenada.

O planeta Terra visto de cima, lá do espaço, é uma enorme bola azul feita de água. Muitos dizem que viemos do pó e ao pó voltaremos; na verdade a vida inteira de todos os seres, veio da água, nasceu nas profundezas desse líquido maravilhoso. A nave azulada está à deriva, entre as bordas de duas calotas sofre os efeitos da grande estufa, e ameaça inundar o mundo. Apesar de tudo parece que ainda nos salvaremos, e como fênix, em vez de renascer das cinzas, haveremos de renascer repetidamente no suave berço das águas.

Amnésia e Mnemosyne

A lembrança e o esquecimento são a mesma face de duas valiosas moedas humanas: memória e história. Estamos sempre deixando de lado o resto do bloco de gelo no interior de um profundíssimo oceano, porque não há como lembrar sem que algo seja esquecido, daí mostramos metaforicamente a diminuta parte da água sólida sobre o gelo líquido. A matéria de que tratamos transcende certas leis da física na ponta do nosso subjetivismo de tungstênio ou pena. Nossos quadros têm as cores das tintas lacunares, somos mestres em dar substância ao vazio e esvaziar o que é substantivo. A arte que cumhamos, sobre a frieza do metal utilizado para a forja, coloca em oposição os olhares da mesma cabeça.

Amnésia e Mnemosyne, as madames Mn, são as esfinges tebanas de quem ousa desfiar o novelo de nós górdios da vida. Inseparáveis personas, quando uma nega a outra a contradição, e sempre o faz para afirmar a sua necessária

esquizofrenia. Indistintas para os diversos fins aos quais se aplicam, essas senhoras nascidas do mesmo caos gerador de Urano e Gaia, descendem da raiz familiar dos hominidas abstracionistas. Abstraindo, essas damas constroem os seus enigmas sempre a descoberto e eternamente insolúveis. Cada narração guarda um pedaço do não contado e entre o dito e o não dito fica o ditado: a memória só existe quando esquece algo.

A história é, por uma imposição de escolha entre as irmãs, um exercício de paixão, uma espécie de traição libertada e um continuum de casamentos e separações. O historiador Dono flor e as suas mulheres, parafraseando o cineasta quase unânime, vive um permanente ménage-à-trois, porque é na sua escolha passional por uma delas que a outra delira no calor do orgasmo. O grande traído nas libações do desejo é sempre o Seu flor, porque Amnésia e Mnemosyne vivem e sobrevivem do inexpugnável incesto da memória.

A memória é o exercício do incesto, o cruzamento de bocas e pernas sob o mesmo estrado

do tempo e do espaço, na cama de cada consciência ela pouca como a louca no cio sob as sedas do sonho, e entre o consciente e o não inteligenciado dá as cartas do baralho. Nas mãos da memória se manipulam os maravilhosos frascos da imaginação, em cada recipiente narrativo há um outro colorido que a gente ainda não viu. Quebrando vidros imemoriais, o homem constrói o seu caleidoscópio histórico, fazendo a sua visão ser sempre um jogo de espelhos - as figuras já passadas não retornam mais, sempre serão novidades recontadas.

A memória está na nossa natureza, vive dos nossos infortúnios e é construção daquilo que tendo existido ainda está por vir. Subvertendo a linearidade do tempo e a espacialidade marcada, ela nos ajuda a sobreviver das nossas misérias históricas, nos lembra ou nos esquece por uma necessidade da espécie e se faz de uma matéria que não foi, não será e ainda não é. Inexata e inconclusa, não-linear e difusa, além do bem e do mal, sem classes ou classificação que a molde, sem lenço e sem

documento, a senhora e velhanova memória é a mãe de Amnésia e Mnemosyne.

A lembrança, se não me falha o esquecimento, propõe uma outra tese sobre as irmãs Mn. Além do incesto, além do Seu Flor, além do à trois, elas provavelmente são gêmeas Xifópagas e estão desde a época dos mitos unidas pelo mesmo cordão umbilical da memória erótica.

A memória, portanto, vem sempre à luz, ainda quando abortada. Pela memória somos todos iguais de modo inato, estamos sempre grávidos de sua esperança, mesmo quando parece já não haver mais nada. A memória nos resguarda de nosso possível esquecimento e, se por vezes nos matam, é nela que ressuscitamos.

A memória, para finalizar o que em absoluto não dissemos, é um ato universal de amor na luta entre o prazer de Eros e a foice afiada de Thanatos. Incontável em suas reticências, ela não existiria se tudo fosse lembrado, dialeticamente pensando a memória nada mais é do que a esposa infiel do fato consumado.

Memórias de um geógrafo peralta

A Geografia foi uma opção inusitada: chegou mais tarde do que deveria e mais cedo do que os outros esperavam. Antes, já havia fracassado em dois vestibulares para Direito. No primeiro, por fugir ao tema da redação e, no segundo, por ter dormido na prova de estudos sociais¹.

Entre o lunático e o dorminhoco, surgiu o acadêmico cabeludo, sujeito às pretensões de ser algo que ainda não sabia ao certo o que era.

A escola havia sido uma experiência traumática. Somente uma vez, no ginásio, houve aprovação por média. Os boletins de ocorrência escolar eram uma mistura de vermelhos majoritários com azuis esparsos; o céu estava sempre nublado. A recuperação, com o tempo, tornou-se uma questão de princípio, pois sempre ocupava posição

¹ No dia seguinte, o jornal O Povo publicou na seção sobre vestibular uma matéria com o título: Desânimo no Vestibular, sendo que logo abaixo havia a fotografia de um rapaz que dormia relaxadamente com os pés repousando sobre as poltronas à sua frente.

de destaque no seletor grupo de candidatos à repetência. Para coroar uma tão bem sucedida trajetória de repetidas recuperações, fui reprovado muitas vezes no colegial! Ao final dessa trajetória desastrosa, precisava escolher uma profissão.

A Universidade foi a chave para muitos cadeados. Estava abolida a farda obrigatória e as cores da sua ridícula uniformização; a figura do Coordenador, que vigiava traquinagens infanto-juvenis, havia desaparecido; a tábua de horários era menos dura, diria negociável, e a gente até podia gargalhar pelos corredores de vez em quando sem o perigo de levar uma suspensão. A maior felicidade, no entanto, era não ter mais que carregar a cruz da caderneta azul, aquele relatório bíblico que continha todos os pecados cometidos durante o ano, a prova documental, cheia de carimbos e assinaturas, que atestavam o seu erro recalcitrante. Qualquer coisa que fizéssemos fora da religião escolar era motivo para mandarem chamar um responsável. Ai, acendiam as chamas da inquisição e tocavam fogo nos coros da gente!

A escola havia me ensinado que estudar era um castigo: estudar era como se ajoelhar com uma cadeira na cabeça e os joelhos no milho! Mas a Universidade parecia diferente. Aparecia aos olhos como um grande baralho humano, como já disse o Cassiano Ricardo, diversa, múltipla, excitante.

O tempo foi passando rápido e fui me tornando geógrafo, ainda incerto, da noite para o dia. Na metamorfose mais louca que já tivera até então vivido, passei a cometer esquisitices, coisas como: cheirar livros novos, sentir curiosidades científicas, ler cotidianamente, visitar sebos por horas a fio e viver o milagre de tomar da água salobra de outora, como se agora fosse o mais delicioso vinho.

Há uma mea culpa nesta historieta lacunar. Desde o primeiro semestre de Universidade, já lecionava a disciplina de Geografia para alunos do ginásio. Várias vezes vivi a contradição interior de ser a vítima e o agressor. Não era raro repetir tudo aquilo que me fizera odiar o sistema escolar de ensino.

As experiências se acumularam em todos os níveis. Dei aulas no 1º e 2º graus, além de cursinhos. O movimento estudantil, das coisas que fiz uma das mais importantes, me educou para elaborar melhor as idéias e falar com segurança em público. As pesquisas, os estágios e certas conversas, contribuíram no sentido de ampliar o espectro de leituras. Ao final de quatro anos, era geógrafo de carteira e tudo, licenciado para externar alunos de acordo com as normas sócio-pedagógicas vigentes e a palmarória curricular do MEC.

Quando menos esperava, estava dando aulas para formar novos geógrafos e futuros professores de Geografia. As dúvidas eram muitas, a maturidade intelectual e emocional pequenas, a confusão quanto à profissão persistia enlouquecendo os meus miolos. Será que era isso mesmo? Será que o caminho não era outro? Estaria errado na minha escolha feita circunstancialmente?

As respostas que poderia dar para dizer porque continuo geógrafo são muitas, materiais e espirituais, todas elas inconclusas. O que poderia

dizer, e direi logo mais, não responde questão alguma. E é desta liberdade que me embriago naquilo que vou tentando fazer, fazendo sempre como posso sem maltratar a condição fundamental de poder criar, não dependendo a criação da sua originalidade, ou traço, ou forma, ou ciência, ou perfeição, ou grau de mediocridade.

A criação não veste o uniforme da escola, não exige nota, não pode ser paga em espécie como muitos pensam, não tem qualidade definida, não distingue os saberes do populacho frente ao conhecimento, às vezes estéril, da academia. Não exige defesa de tese com ares de humilhação pública; não se furta a oferecer calor humano a menor das descobertas.

Depois das coisas ditas, e das vividas, estou e sou geógrafo, mesmo quando um dia, quicá, não mais o queira. A razão para tanto decorre do leque de possibilidades que a ciência geográfica abre e inter-relaciona. É essa liberdade que faz da **Geografia uma ciência** maravilhosa, fantástica, criativa, humana.

É essa sensação de liberdade que gostaria de ver os outros sentirem também. Em vez da escola massacrante e sua Geografia mnemônica, queria mostrar que a escola pode ser diferente e a Geografia, ao invés de tétrica, pode ser poética. Foi isso que me levou a trabalhar com poesia na sala de aula e depois me fez pensar em crônicas geográficas. Ilustrar a disciplina para fazê-la desencantar os homens dos seus medos de voar.

As crônicas servem para o mais temo dos desafios: dar leveza ao que aparenta ser pesado. Com a linha do prazer erotizante das palavras, queremos coser a Geografia em tecidos de asa delta para o salto do alto da consciência, onde a visão possa ser mais ampla e o coração mais tranqüilo. Sem perder de vista a profundidade técnica exigida para a prática do voo, queríamos dizer que todo ser humano deve ser espeleólogo de si mesmo.

As crônicas desse geógrafo ainda decididamente indeciso, foram feitas em ritmo de brincadeira. Não são sérias como as pedras, não têm a rigidez da argila quando seca, não servem à

escola da opressão. As crônicas são o produto de um estado de espírito e frutos de uma imperiosa necessidade: dizer abertamente que a Geografia é, das coisas que provei na vida, uma das que me deu maior prazer.

Para pensar um tema

Um tema pode ser qualquer coisa que nos leve de um minúsculo pontinho até o infinito ou pode ser o minúsculo infinito que nos leve ao ponto máximo. Uma simples discussão sobre grandezas já é um tema que daria um samba matemático ou um papo geográfico, por exemplo, sobre escalas. Foi com temas geradores que Paulo Freire alfabetizou um bocado de gente. As vezes a partir da palavra tijolo se construía uma cidade de palavras, um arsenal vocabular que fazia as pessoas serem capazes de ler politicamente o mundo.

Um tema não é coisa que se tema, porque ele pode nascer assim... de repente. Pode inclusive, nascer meio guenzo e ir se equilibrando devagarinho – engatinha, anda, corre. Porque a única exigência temática está em fazer as pessoas se sentirem a vontade em seu próprio universo conceitual e vocabular, posto que o fundamental mesmo é

desencabular o sujeito e a sujeita, até uma palavra que não consta do dicionário pode ser motivo para se começar uma conversa.

A busca está nas associações mais diversas que podemos ser levados a fazer com os outros – entrou pelo pé do pato saiu pelo pé do pinto e por aí vai. Pato e pinto são bípedes, são aves, têm bico, põem ovos e aí, de saída, antes que um desses bichos voe, já se tem um tema penoso, mas um tema que pode dar em história para criança ou em discussão sobre os transgênicos.

O importante é se aventurar no mundo das coisas correlatas e também das disparatadas, para fazer as associações já conhecidas e aquelas imaginárias. Para ciência e para arte, porque uma coisa imita a outra, vez ou outra ou outra e vez, e foi assim que começou a história com coisas que às vezes a gente não acredita, porque parecem não ter pé nem cabeça, mas é tudo coisa das criações humanas e da fantástica imaginação que temos.

Em outros termos nós temos temas para quase tudo aquilo que desejamos discutir. Um tema é a ponta de um novelo. Uma nota musical. Uma data às vezes sem sentido aparente. Uma imagem fotográfica. Um risco na pedra deixado por comunidades de dez mil anos atrás. A visão primeira que os homens tiveram da lua.

Quem sabe não foi por isso que nos aventuramos a voar, imitar patos e pintos, imitar peixes e dialogar com a natureza com sua imensa selva de temas e de possibilidades intermináveis? Quem sabe não começamos por onde deveríamos ter terminado e fizemos o contrário?

Um ponto de partida é exatamente a possibilidade de criar as coisas do início e não temer chegar nos lugares inatingíveis. Para os professores talvez seja começar sempre com os outros onde eles estão, por onde já se passou um dia, como um retorno paciente ao lugar das primaveras do que conseguimos aprender.

Um tema deve ser capaz de suscitar debates, levantar questões, despertar preocupações, recuperar a tradição e vislumbrar o futuro. Pode ser qualquer coisa assim que aparentemente é coisa alguma.

*Sobre coelhos e cartolas**

Há um enorme labirinto com múltiplas entradas e diversas saídas. Um labirinto maravilhoso dotado de possibilidades diversas e ainda assim, por vezes, aparenta para muitos estar fechado sobre si mesmo. Os caminhos difusos no interior deste lugar estão como que entremeados de obstáculos, sendo que cada óbice representa não um empecilho, mas a possibilidade de escolher no interior desta misteriosa teia de sendas qual a que melhor se adequa ao viajante.

Há mais uma coisa a dizer - o labirinto do qual falamos não é o mesmo para todos. Alguns vêem nele uma estrada linear, reta e unidirecional.

* Texto preparado pelo Prof. Manoel Fernandes para os alunos da disciplina de Introdução a Geografia da UFPb do segundo semestre letivo de 1995

Outros percebem luminosidades nos cubículos mais escuros, e acendem suas próprias chamas. Existem aqueles que diante da entrada avistam monstros horripáveis no interior de cada salão e desistem antes mesmo de adentrar o labirinto. Há ainda os que caminham como se arrastassem correntes presas aos pés e ao pescoço, torturam-se a cada passada e nunca se libertam do trauma de estarem presos à sua escolha.

Este labirinto mágico, se me permitem que o diga, é a Geografia que ela mesma não é. É antes uma ciência de muitas trilhas, com laboratórios a céu aberto, com leituras que usam as asas do livro para voar sobre o mundo, com desdobramentos profissionais que vão da arte ao planejamento.

A magia está naquilo que não aparece pronto, frio e morto. Como já lembrou Rubem Alves as *palavras que dizem tudo matam qualquer*

*possibilidade de diálogo*¹. Assim como no filme *Como Água Para Chocolate*, sempre que perguntam à protagonista qual a receita que ela utiliza para cozinhar comidas tão saborosas e ela responde: **amor**. As pessoas se irritam, como se a moça quisesse esconder segredos culinários, quando na verdade o segredo está na resposta explicitamente feita - as receitas são indispensáveis para quem não consegue mais amar.

Durante algum tempo pensei que a atitude mais correta para um professor seria a de permanentemente oferecer chaves para cadeados, receitas para comidas saborosas, novelas para os outros se guiarem nos labirintos, lampiões para as salas escuras. Cansado dessa verdade pouco lúdica e para mim enfadonha, resolvi oferecer o oposto

¹ ALVES, Rubem. *O Poeta, o Guerreiro e o Profeta*. 2ª ed. Petrópolis, Vozes, 1992.

de antes: cadeados ao invés de chaves, comidas sem receitas prontas, labirintos no lugar de novelas, sombras no interior da luz.

A calmaria do mar de outrora deixou de existir. As águas mansas do oceano iniciaram suas ondas de descontentamento. A tempestade estava sempre anunciada para a aula seguinte. A brisa dera lugar aos ventos fortes. A tormenta furiosa, no entanto, me aparecia cada vez mais suave em seu desafio. Continuava a adorar a brisa, *mas o mar com o seu quer que seja que só Deus sabe o que é*², mudava constantemente a direção dos ventos a cada alteração nas condições de temperatura e pressão. O tempo claro de antes havia se transformado em temporal. Alguma loucura devia, decerto, ter acontecido comigo, pois aprendera a

amar o temporal.

Olhando para aquelas moças e rapazes da disciplina de *Introdução à Geografia* cheguei muitas vezes a sentir calafrios. Vieram atrás de respostas e só podia lhes oferecer perguntas. Queriam muito que lhes dissesse dos caminhos todos no interior daquela ciência, quando o máximo que podia oferecer era labirintos. Estávamos muito perplexos, porque havia um enorme fosso entre o que se desejava falar e o que se queria ouvir. O di-á-*logo*, essa ponte maravilhosa que se ergue entre as pessoas, parecia uma tarefa quase impossível de realizar: O que na minha boca aparecia como brisa significava tempestade para os ouvidos deles.

Descobri em meio a essas sensações estranhas que já não servia mais como professor, que já não sabia mais o que eram alunos, e que até mesmo a Geografia tinha se transformado em água

² Paratívia do Assaré, poeta popular cearense. Trecho do poema *Vou Volta*, que está no livro *Cante Cá que Eu Canto Lá*.

turva, pedra escorregadia, relevo íngreme por sob a planura do espelho de água do lago. E estávamos ali, eles e eu, um para ensinar a muitos, e comecei a perceber que nada tinha a ensinar-lhes, que aquela expectativa deles em relação a mim era inútil, e pior de tudo, eles tinham cada um a seu modo mais certezas do que eu.

Pensei em desistir de tudo, talvez fosse melhor aprender a tirar coelhos de cartolas, mas tive medo de que das minhas cartolas sempre saíssem bichos diferentes daqueles que a plateia esperava. Entrei em pânico, pane profissional no motor professoral, o avião de muitos anos de resposta parecia cair de ponta em direção ao chão. Foi aí que resolvi planar, aprendendo através do vento o prazer de ouvir os sons que o ar em movimento nos segreda. Por que deveria eu falar, quando todo o corpo queria escutar? Por que a conversa tinha sempre a mesma

direção que impede o diálogo? Por que haveria de limitar o horizonte, quando só agora os olhos se abriam para o arco-íris?

Estava louco. Tinha vontade de gargalhar. Tudo parecia saborosamente ridículo na minha vida de professor que des-aprendeu a ensinar. A Geografia quebrada em cacos, enfiada entre os espelhos de um cilindro, quando olhada contra a luz, assumia a cada giro os signos caleidoscópicos do conhecimento de toda a humanidade. Deveria então oferecer caleidoscópios geográficos àqueles rapazes e moças? Pensei. Gostariam eles de olhar contra a luz no interior de seus próprios eus multi-espelhados que Geografia esperavam a aprender? Seriam capazes de quebrar suas expectativas para construir algo diferente do que esperavam receber? Aprenderiam, quiçá, a oferecer aquilo que ainda não sabiam já trazer consigo?

Lá estava o mistério no meio do silêncio falante. Entre os que esperavam ouvir e a pessoa que deveria falar, o pensamento fluía, os sentidos se aguçavam, as ideias voavam como pássaros pela sala, as cadeiras queriam dançar, as identidades de antes se desmanchavam para criar novas características. O pote do mesmo de sempre estava quebrado para que os doces e bombons da vida fossem liberados para a festa.

SOBRE AS CRÔNICAS

1. *Para Caminhar Pensando* – foi publicada, pela primeira vez, na Revista Ciência Geográfica de Bauri, n. 17, ano de 2000 [setembro-dezembro], pp. 32 a 36. O título do artigo foi “*Oito crônicas para a Geografia que se ensina*” e as crônicas foram: 1. Das coisas sem serventia, uma delas é a Geografia 2. O mapa nosso de cada dia, 3. Para Caminhar Pensando, 4. Memórias de Um Geógrafo Peralta, 5. Os solos são, 6. Erótico Manguê, 7. Aga dois Ó e 8. Geomorfologia.
2. *Erótico Manguê* – foi publicada, pela primeira vez, na Revista Ciência Geográfica
3. *Chico de Toinho de São José do Bendegó* – foi escrita em 2001 e é inédita.
4. *Fui a Bodega Comprar Farinha* – foi publicado no Fascículo n. 6 – Aprendendo a Pensar Geografia: a construção dos conceitos no Ensino Fundamental - do Curso de Formação Continuada de Professores da Rede Pública, promovido pelo Universidade Aberta do Nordeste e Secretaria de Educação do Estado do Ceará, com publicação pela Fundação Demócrito Rocha no ano de 2000.
5. *Geomorfologia* – foi publicado, pela primeira vez, na brochura Alma e Gestio, em 1997 e depois na Revista

- 108
- 109
- 110
- 111
- 112
- 113
- 114
- 115
- 116
- 117
- 118
- 119
- 120
- 121
- 122
- 123
- 124
- 125
- 126
- 127
- 128
- 129
- 130
- 131
- 132
- 133
- 134
- 135
- 136
- 137
- 138
- 139
- 140
- 141
- 142
- 143
- 144
- 145
- 146
- 147
- 148
- 149
- 150
- 151
- 152
- 153
- 154
- 155
- 156
- 157
- 158
- 159
- 160
- 161
- 162
- 163
- 164
- 165
- 166
- 167
- 168
- 169
- 170
- 171
- 172
- 173
- 174
- 175
- 176
- 177
- 178
- 179
- 180
- 181
- 182
- 183
- 184
- 185
- 186
- 187
- 188
- 189
- 190
- 191
- 192
- 193
- 194
- 195
- 196
- 197
- 198
- 199
- 200
- 201
- 202
- 203
- 204
- 205
- 206
- 207
- 208
- 209
- 210
- 211
- 212
- 213
- 214
- 215
- 216
- 217
- 218
- 219
- 220
- 221
- 222
- 223
- 224
- 225
- 226
- 227
- 228
- 229
- 230
- 231
- 232
- 233
- 234
- 235
- 236
- 237
- 238
- 239
- 240
- 241
- 242
- 243
- 244
- 245
- 246
- 247
- 248
- 249
- 250
- 251
- 252
- 253
- 254
- 255
- 256
- 257
- 258
- 259
- 260
- 261
- 262
- 263
- 264
- 265
- 266
- 267
- 268
- 269
- 270
- 271
- 272
- 273
- 274
- 275
- 276
- 277
- 278
- 279
- 280
- 281
- 282
- 283
- 284
- 285
- 286
- 287
- 288
- 289
- 290
- 291
- 292
- 293
- 294
- 295
- 296
- 297
- 298
- 299
- 300
- 301
- 302
- 303
- 304
- 305
- 306
- 307
- 308
- 309
- 310
- 311
- 312
- 313
- 314
- 315
- 316
- 317
- 318
- 319
- 320
- 321
- 322
- 323
- 324
- 325
- 326
- 327
- 328
- 329
- 330
- 331
- 332
- 333
- 334
- 335
- 336
- 337
- 338
- 339
- 340
- 341
- 342
- 343
- 344
- 345
- 346
- 347
- 348
- 349
- 350
- 351
- 352
- 353
- 354
- 355
- 356
- 357
- 358
- 359
- 360
- 361
- 362
- 363
- 364
- 365
- 366
- 367
- 368
- 369
- 370
- 371
- 372
- 373
- 374
- 375
- 376
- 377
- 378
- 379
- 380
- 381
- 382
- 383
- 384
- 385
- 386
- 387
- 388
- 389
- 390
- 391
- 392
- 393
- 394
- 395
- 396
- 397
- 398
- 399
- 400
- 401
- 402
- 403
- 404
- 405
- 406
- 407
- 408
- 409
- 410
- 411
- 412
- 413
- 414
- 415
- 416
- 417
- 418
- 419
- 420
- 421
- 422
- 423
- 424
- 425
- 426
- 427
- 428
- 429
- 430
- 431
- 432
- 433
- 434
- 435
- 436
- 437
- 438
- 439
- 440
- 441
- 442
- 443
- 444
- 445
- 446
- 447
- 448
- 449
- 450
- 451
- 452
- 453
- 454
- 455
- 456
- 457
- 458
- 459
- 460
- 461
- 462
- 463
- 464
- 465
- 466
- 467
- 468
- 469
- 470
- 471
- 472
- 473
- 474
- 475
- 476
- 477
- 478
- 479
- 480
- 481
- 482
- 483
- 484
- 485
- 486
- 487
- 488
- 489
- 490
- 491
- 492
- 493
- 494
- 495
- 496
- 497
- 498
- 499
- 500
- 501
- 502
- 503
- 504
- 505
- 506
- 507
- 508
- 509
- 510
- 511
- 512
- 513
- 514
- 515
- 516
- 517
- 518
- 519
- 520
- 521
- 522
- 523
- 524
- 525
- 526
- 527
- 528
- 529
- 530
- 531
- 532
- 533
- 534
- 535
- 536
- 537
- 538
- 539
- 540
- 541
- 542
- 543
- 544
- 545
- 546
- 547
- 548
- 549
- 550
- 551
- 552
- 553
- 554
- 555
- 556
- 557
- 558
- 559
- 560
- 561
- 562
- 563
- 564
- 565
- 566
- 567
- 568
- 569
- 570
- 571
- 572
- 573
- 574
- 575
- 576
- 577
- 578
- 579
- 580
- 581
- 582
- 583
- 584
- 585
- 586
- 587
- 588
- 589
- 590
- 591
- 592
- 593
- 594
- 595
- 596
- 597
- 598
- 599
- 600
- 601
- 602
- 603
- 604
- 605
- 606
- 607
- 608
- 609
- 610
- 611
- 612
- 613
- 614
- 615
- 616
- 617
- 618
- 619
- 620
- 621
- 622
- 623
- 624
- 625
- 626
- 627
- 628
- 629
- 630
- 631
- 632
- 633
- 634
- 635
- 636
- 637
- 638
- 639
- 640
- 641
- 642
- 643
- 644
- 645
- 646
- 647
- 648
- 649
- 650
- 651
- 652
- 653
- 654
- 655
- 656
- 657
- 658
- 659
- 660
- 661
- 662
- 663
- 664
- 665
- 666
- 667
- 668
- 669
- 670
- 671
- 672
- 673
- 674
- 675
- 676
- 677
- 678
- 679
- 680
- 681
- 682
- 683
- 684
- 685
- 686
- 687
- 688
- 689
- 690
- 691
- 692
- 693
- 694
- 695
- 696
- 697
- 698
- 699
- 700
- 701
- 702
- 703
- 704
- 705
- 706
- 707
- 708
- 709
- 710
- 711
- 712
- 713
- 714
- 715
- 716
- 717
- 718
- 719
- 720
- 721
- 722
- 723
- 724
- 725
- 726
- 727
- 728
- 729
- 730
- 731
- 732
- 733
- 734
- 735
- 736
- 737
- 738
- 739
- 740
- 741
- 742
- 743
- 744
- 745
- 746
- 747
- 748
- 749
- 750
- 751
- 752
- 753
- 754
- 755
- 756
- 757
- 758
- 759
- 760
- 761
- 762
- 763
- 764
- 765
- 766
- 767
- 768
- 769
- 770
- 771
- 772
- 773
- 774
- 775
- 776
- 777
- 778
- 779
- 780
- 781
- 782
- 783
- 784
- 785
- 786
- 787
- 788
- 789
- 790
- 791
- 792
- 793
- 794
- 795
- 796
- 797
- 798
- 799
- 800
- 801
- 802
- 803
- 804
- 805
- 806
- 807
- 808
- 809
- 810
- 811
- 812
- 813
- 814
- 815
- 816
- 817
- 818
- 819
- 820
- 821
- 822
- 823
- 824
- 825
- 826
- 827
- 828
- 829
- 830
- 831
- 832
- 833
- 834
- 835
- 836
- 837
- 838
- 839
- 840
- 841
- 842
- 843
- 844
- 845
- 846
- 847
- 848
- 849
- 850
- 851
- 852
- 853
- 854
- 855
- 856
- 857
- 858
- 859
- 860
- 861
- 862
- 863
- 864
- 865
- 866
- 867
- 868
- 869
- 870
- 871
- 872
- 873
- 874
- 875
- 876
- 877
- 878
- 879
- 880
- 881
- 882
- 883
- 884
- 885
- 886
- 887
- 888
- 889
- 890
- 891
- 892
- 893
- 894
- 895
- 896
- 897
- 898
- 899
- 900
- 901
- 902
- 903
- 904
- 905
- 906
- 907
- 908
- 909
- 910
- 911
- 912
- 913
- 914
- 915
- 916
- 917
- 918
- 919
- 920
- 921
- 922
- 923
- 924
- 925
- 926
- 927
- 928
- 929
- 930
- 931
- 932
- 933
- 934
- 935
- 936
- 937
- 938
- 939
- 940
- 941
- 942
- 943
- 944
- 945
- 946
- 947
- 948
- 949
- 950
- 951
- 952
- 953
- 954
- 955
- 956
- 957
- 958
- 959
- 960
- 961
- 962
- 963
- 964
- 965
- 966
- 967
- 968
- 969
- 970
- 971
- 972
- 973
- 974
- 975
- 976
- 977
- 978
- 979
- 980
- 981
- 982
- 983
- 984
- 985
- 986
- 987
- 988
- 989
- 990
- 991
- 992
- 993
- 994
- 995
- 996
- 997
- 998
- 999
- 1000

Sobre o Autor

Manoel Fernandes começou a morrer em Fortaleza, no último dia de abril do ano que não terminou. Curvou Geografia na Universidade Federal do Ceará, onde lecionou entre os anos de 1998 e 2006. Foi ainda docente da Universidade Federal da Paraíba entre 1993 e 1998. Antes de ser professor universitário trabalhou no ensino fundamental e médio, tendo iniciado sua vida nessas artes em uma escola chamada Pituchinha. Atualmente é professor da área de teoria e método da Universidade e São Paulo.